Diálogo inter-religioso: uma abordagem na perspectiva de Raimon Panikkar

Delmo Gonçalves[1]

Resumo

O diálogo inter-religioso ao longo dos tempos vem se tornando na visão de muitos estudiosos uma necessidade, para outros, todavia, não passa de uma possibilidade remota. Há ainda um grupo expressivo de teólogos que consideram tal abordagem um absurdo. Fato é que o diálogo inter-religioso traz muitos incômodos, o que nos arremete a uma pergunta - Haverá ganhos e/ou enriquecimentos ao se construir tal diálogo? Esta comunicação visa refletir o diálogo inter-religioso na perspectiva de Raimon Panikkar, teólogo Católico, que já no início dos anos 60 constrói uma abordagem otimista e de estreitamento num diálogo entre as várias religiões. Considerando o fato de vivemos numa sociedade cada vez mais globalizada e plural, aproximada por tantos mecanismos de comunicação como a internet, o cinema, estudos e outros tantos questiona-se: Até quando será possível determinar um isolamento religioso ou mesmo a detenção de uma verdade única que esteja acima das demais proclamadas nos diversos discursos religiosos? Será possível manter-se numa ilha religiosa nos dias atuais? Diante deste quadro percebe-se em Raimon Panikkar uma nova perspectiva numa esfera dialogal merecedora de atenção e reflexão. O teólogo Panikkar nos chama atenção para a necessidade do pluralismo religioso quanto realidade inquestionável e suas implicações diretas nos diversos modos do conviver.

Palavras-chave: Diálogo Inter-religioso. Pluralismo. Abordagem. Perspectiva. Raimon Panikkar.

Introdução

O diálogo inter-religioso considerando uma visão mais ampla vem ao longo dos tempos e na perspectiva de muitos teólogos e cientistas da religião sendo visto como um caminho de aproximação entre as diferenças e, não apenas isto, mas também é visto como o elemento mediador do pluralismo religioso. No entanto, vale ressaltar que esta premissa não é consenso no universo teológico. Pode-se afirmar que um dos primeiros teólogos católicos a enfatizar o diálogo inter-religioso como fundamental aparelho de aproximação no pluralismo religioso foi Raimon Panikkar (1918- 2010). Filho de pai hindu e mãe católica, Panikkar além de teólogo possui doutorado em Química, Filosofia e Teologia. Ensinou história das religiões e filosofia da religião em diversas universidades europeias, asiáticas e americanas. Natural de Barcelona, o teólogo

[1] Doutorando e Mestre em Ciências da Religião- PUC-Minas, FAPEMIG. delmocei@gmail.com

publicou mais de trinta livros sobre o tema. Sua formação interdisciplinar trouxe enorme contribuição à construção de sua reflexão sobre a importância do diálogo inter-religioso diante da religiosidade contemporânea, conforme Teixeira (2012, p.121). Nesta comunicação apontaremos algumas de suas abordagens e o quanto suas perspectivas contribuem para a reflexão acerca do diálogo inter-religioso.

O diálogo inter-religioso

O mundo contemporâneo está desafiado pelas aproximações. As distancias entre os povos não são mais as mesmas, se desfazem à medida que as tecnologias avançam. É fato incontestável que os novos modelos de comunicações preenchidos por tantas tecnologias impõem aproximações diluindo as diferenças concentradas ao longo dos tempos, atropelando as distâncias geográficas e culturais. Neste novo cenário social o fenômeno da globalização não apenas aproxima tais diferenças, mas também força mudanças, que acontecem rapidamente e em escalas absurdas. Tais mudanças não discriminam condição social ou cultural e também se fazem acontecer no universo religioso intercambiando credos, rituais, conceitos e valores, se fazendo espaço para todos, democratizando os símbolos e paradigmas. De fato, temos nos meios de comunicações interações veiculadas pela internet, televisão, cinema, música e tantos outros, obrigando os seres humanos a se esbarrarem nos fatores das diversidades. Este fenômeno tão poderoso passa a exigir um mecanismo de compensação e aprendizado para evitar a instalação do caos na sociedade.

Pode-se afirmar que o teólogo Raimon Panikkar se permite ver no diálogo inter-religioso um instrumento capaz de gerir aproximação entre as diferenças e os diferentes do religioso, e não apenas isto, mas também, aponta no âmbito da religião, tal aproximação como uma oportunidade de aprendizado e compartilhamento.

Considerando que o fenômeno da globalização vem cada vez mais quebrando os muros das distâncias religiosas e a impossibilidade de se resistir a essas aproximações torna-se válido avaliar o diálogo inter-religioso quanto fator de aproximação e respeito em meio à pluralidade, e não apenas isto, mas também como instrumento a oportunizar crescimento e aprendizado sobre o outro.

Para Geffré (2007) o diálogo inter-religioso é uma aventura consciente e enriquecedora que permite uma nova reflexão e prática teológica cristã. Logo, observa-se a necessidade de algo mais no sentido de aproximar-se, um passo a mais em direção ao diferente, às convicções do outro, mas de forma consciente e clara.

Segundo Haight. (2003) a pessoa para dialogar precisa querer aprender, pois dialogar implica algumas condições, tais como: "entendimento reciproco, avaliação mútua do outro, aprendizado e transformação reciproca com base numa apropriação do que é verdadeiro em outras religiões", (HAIGHT, 2003, p. 482). Afinal, Deus não é propriedade exclusiva ou monopólio de nenhuma tradição religiosa afirma Panikkar (2007). Através do diálogo inter-religioso não se visa conquistar o outro para a sua religião, não se trata de proselitismo, mas sim, entender a verdade do outro com sua experiência religiosa oportunizando aprendizado e crescimento. O diálogo exige estar desarmado para com o outro conforme afirma Knitter.

> O diálogo deve acontecer em igualdade. Isto significa que ninguém deve sentar à mesa do diálogo com cartas escondidas ou armas carregadas, quer dizer, com declarações que serão lançadas de repente e usadas para anunciar uma verdade absoluta dada por Deus, cujo propósito é determinar a validade de todas as outras verdades e absorvê-las". (KNITTER, 2010. p.44).

Conforme alude o autor na citação acima, compreende-se o diálogo inter-religioso antes de tudo como um lugar de respeito entre as diferenças. Encontra-se no diálogo inter-religioso uma possibilidade, um espaço de convivência na pluralidade.

No espaço dialogal o diferente não é "inimigo ou adversário" antes é apenas o diferente e como tal merece respeito e tem algo a ensinar. É um espaço onde cada tradição pode expor suas riquezas e verdades, Gonçalves (2016). O espaço dialogal não instaura hierarquia ou privilégios, apenas traz o outro lhe permitindo falar e ouvir, sem o fator da presunção. O diálogo "implica em dar e receber, uma comunicação que requer não apenas testemunhar, anunciar e ensinar, mas também, escutar, ouvir e aprender". (HAIGHT, 2008, p. 118). Por isso, o diálogo inter-religioso não implica em convencer, mas permitir o aprendizado.

No entanto, o desafio dialogal na prática não é fácil. O diálogo inter-religioso vai exigir maturidade daqueles que se propõem dialogar. A maturidade exigida não será apenas de convicção, mas também de visão de mundo. Para ouvir o outro é necessário estar convicto de si mesmo diante das mudanças, das novas compreensões e novas

construções sociais. Logo, o diálogo inter-religioso para acontecer precisa encontrar nos indivíduos disposição real de abertura e respeito a todos os credos.

O diálogo inter-religioso na perspectiva de Raimon Panikkar

Quando consideramos o diálogo inter-religioso na visão de Raimon Panikkar encontramos um olhar que não apenas se aproxima dos autores citados, mas também alguém que se permite alinhar outras particularidades que merecem consideração. O teólogo Raimon Panikkar possui abordagem numa perspectiva que considera uma dinâmica dialogal possibilitadora de perceber o quanto o outro está implicado em cada ser humano.

Observa-se que na construção de Panikkar todo ser humano precisa estar consciente da sua condição de peregrino em direção ao mistério sempre maior, mais ainda, Panikkar entende que nenhuma cultura ou tradição religiosa consegue esgotar o campo da experiência humana e da realidade do sagrado, logo entende o autor que todos têm o que aprender e também o que ensinar. Ninguém é suficiente em se tratando de perceber Deus. Por isso o pluralismo se faz tão importante na construção alinhada por Raimon Panikkar. Neste aspecto o teólogo está em concordância com Vigil quando este percebe que a teologia do pluralismo religioso a novidade da abertura a horizontes desconhecidos provocando proposições que nos comovem em nossas convicções mais profundas, Vigil (2006).

O teólogo Panikkar considera uma abordagem que respeita o fato do diálogo inter-religioso ser sim algo perigoso. Aproximar as diferenças definitivamente não é algo simples, mas também é inevitável, importante e urgente, mesmo que desconcertante, observa Teixeira (2012).

Panikkar ainda acrescenta algo mais ao considerar que uma religião é de tudo incompreensível e até mesma impossível sem a relação com as outras, logo é inegociável uma vivência em atitude dialogal, uma abertura que possibilite as religiões do mundo a entrarem naquilo que chama de diálogo de várias vozes.

Raimon Panikkar entende que o encontro das religiões quanto diálogo passa necessariamente pela questão do enraizamento da fé. Assim sendo, tal visão lhe permite aceitar o diálogo como uma possibilidade do encontro das crenças em profundidade, numa mesma fé na verdade e na salvação, já que fé e crença são distintas para o autor.

Segundo o teólogo é fundamental compreender que a fé sempre será transcendente enquanto que a crença são as concretizações intelectuais, emocionais e culturais da fé no interior de estruturas relativas a uma tradição particular, observa Teixeira (2012). Nesta lógica, as crenças dizem respeito às religiões, àquilo que estas formatam na cultura ou nas vivências simbólicas, mas a fé está acima das formulações dogmáticas, não pode ser expressa em fórmulas universais. Logo, o diálogo fica na compreensão das diferenças. Vejamos:

> O diálogo aponta, assim, para a possibilidade do encontro das crenças, em profundidade, numa mesma fé na verdade e na salvação. Neste sentido, pode-se falar numa "unidade transcendente das religiões" contra qualquer pretensão universalista da verdade imanente de outra religião particular. (TEIXEIRA, 2012. p.122,123).

Entende o autor que a fé sendo superior aos resíduos das crenças é aquela que pode abrandar as diferenças.

A abordagem de Raimon Panikkar possibilita uma perspectiva que se revela num conceito interessante e intrigante. Panikkar desenvolveu o conceito de "cristofania ecumênica". Este conceito se faz necessário para a compreensão de sua reflexão sobre o diálogo inter-religioso. Sua busca é na tentativa de encontrar um novo caminho para a cristologia, eixo central do cristianismo, e que define seu modo ocidental de olhar para as demais religiões. Raimon Panikkar com sua nova percepção entende que Cristo, quanto "mistério", não pode ser propriedade privada dos cristãos. Vejamos:

> Para Panikkar existe um "fato teândrico primordial" que ele identifica com o Mistério. Este manifesta-se "com uma certa plenitude em Jesus, estando igualmente presente e operante em outras partes,, mas só no final dos tempos é que se revelará em sua total plenitude. Panikkar considera problemático "monopolizar este mistério", fazendo-o propriedade privada dos cristãos. Acrescenta que uma das causas de grande resistência das outras tradições religiosas contra a interpretação cristã consiste em considerar o Cristo como "monopólio dos cristãos. (TEIXEIRA, 2012. p.123).

Conforme observa Teixeira na citação acima, a perspectiva panikkaniana aponta para um conceito cristológico que permite ao teólogo ver um Cristo que ultrapassa toda compreensão humana. Assim, toda visão de Cristo, inclusive a do cristianismo, não passará de uma abordagem em parte e não completa o que não apenas possibilita como também faz necessário o diálogo inter-religioso afim de permitir uma visão mais completa do Cristo.

Considerações

Observa-se que a compreensão e interpretação do Cristo na visão humana segundo Raimon Panikkar será sempre limitada ao que se pode ver em cada religião. Logo, cada interpretação religiosa verá uma parte que no final se revelará plenamente e, se permitirá ser vista por completa. Daí, temos, no universo teológico um grande desafio, pois tal conceito, se diverge do cristianismo tradicional Católico Apostólico Romano, do cristianismo Protestante e do cristianismo Evangélico.

Compreende-se ainda que Raimon Panikkar utiliza-se de uma segunda versão do pluralismo. Uma versão que se ocupa da ideia de um "ecumenismo ecumênico". Este ecumenismo implica na busca de uma Verdade maior vivenciada numa atitude dialogal, uma possibilidade real que permitiria as religiões do mundo a entrarem num diálogo de várias vozes como citado anteriormente. O teólogo acrescenta ainda ao seu pensamento o conceito de "interpretação recíproca" entre as religiões, que seria na verdade um passo para além do exclusivismo, do inclusivismo ou do paralelismo das religiões. Raimon Panikkar credencia com suas construções uma unidade transcendente das religiões.

De fato, fica claro e evidente que o teólogo não concorda com a "privatização" que os cristãos fazem de Cristo, outro ponto que merece discussão mais intensa e aprofundada no mundo cristão, pois há varias formas de se ver Cristo, e o universo religioso de cada tradição merece ser respeitada.

Na perspectiva de Raimon Panikkar a realidade pluralista dos dias atuais tornam questionáveis as possibilidades de um isolamento religioso, não apenas isto, pois também desperta a atenção para uma verdade única que o teólogo considera acima das demais verdades proclamadas nos diversos discursos religiosos e em suas implicações diretas nos diversos modos do viver.

É inegável que o teólogo é ousado em suas considerações e propostas, todavia, ao mesmo tempo, não é possível ignorar os efeitos das proximidades das diversidades e o quanto este fenômeno vem atropelando os muros das instituições religiosas empurrando-as cada vez mais para a proximidade. Buscando a promoção do diálogo inter-religioso Raimon Panikkar entende que há um motivo maior, pois Deus pode ser monopólio de nenhuma tradição humana como já fora citada anteriormente, nem mesmo daquelas que se chamam "teístas", nem das "mal chamadas crentes", entendendo que todos creem em uma ou outra coisa. Tão pouco é "objeto" de pensamento algum.

Concluo apontando que a perspectiva de Raimon Panikkar acerca do diálogo inter-religioso tem seus gargalos, seus desafios a enfrentar, quando contraposto ao cristianismo histórico, conservador, quanto a história protestante e suas variáveis cristãs e à própria perspectiva do diálogo, que exige convicção quanto pressuposto para dialogar, tornando em certos momentos difícil compreender as convicções do autor quando considera a fé uma só. De fato, sua proposta dialogal requer uma construção ainda maior e mais discutida sobre sua cristologia.

O teólogo compreende que Jesus Cristo está presente e operante em toda religião autêntica, qualquer que seja o seu nome ou forma, algo distante de ser aceito pela maioria das religiões cristãs. Neste sentido Raimon Panikkar vê um cristianismo "míope", o que impede enxergar o Cristo nas demais religiões. Na concepção do autor esta "miopia" poderia ser corrigida a partir do diálogo inter-religioso. Sem a expectativa de encerrar o tema ou esgotar o assunto, entendo que, para o teólogo Panikkar tal diálogo pode ser um elemento enriquecedor não apenas neste ponto dialogal, mas em tantos outros, pois o outro sempre terá o que ensinar.

Referências

GONÇALVES, Dinéia F. Pluralismo e educação religiosa: Uma leitura prática do ensino religioso a partir da teologia pluralista. Belo Horizonte: PUC Minas. 2016.

HAIGHT, Roger. (Tradução Jonas Pereira dos Santos). Jesus símbolo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003. (Coleção Repensar).

KNITTER, Paul F. Introdução às teologias das religiões. São Paulo: Paulinas, 2010.

PANASIEWICZ, Roberlei. Pluralismo Religioso contemporâneo: diálogo inter-religioso na teologia de Claude Geffré. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2007 – (Coleção estudos da religião).

PANIKKAR, Raimon. Cristofania. Bolonha: EBD, 1994.

PANIKKAR, Raimon. (Tradução Pedro lima Vasconcelos) Ícones do mistério: A experiência de Deus. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção Algo a Dizer).

PANIKKAR,, Raimon: A arriscada aventura no solo sagrado do outro. 2010. Disponível em: Acesso em 01 outubro. 2018. _____. A dimensão espiritual do diálogo inter-religioso. Revista Tempo Brasileiro, nº 183, out/dez 2010.

TEIXEIRA, Faustino. O diálogo inter-religioso como afirmação da vida. São Paulo: Paulinas, 1997.

TEIXEIRA, Faustino. Teologia do pluralismo religioso em questão. REB 59/325, 1999, 591-617.

TEIXEIRA, Faustino. Teologia e pluralismo religioso. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2012.

VIGIL, M. JOSÉ. Teologia do Pluralismo Religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo. São Paulo: Paulus, 2006.